

Esse texto é a expressão de nosso compromisso firmado com Fundo Municipal de Cultura/Lei Aldir Blanc – Projetos Culturais de Santo André, a título de contrapartida por termos sido contemplados no Edital 05.10.2020 com o projeto “Leitores de EscreVivências: a escrita de autores negros na boca do povo”.

Pretendíamos que fosse um manifesto. Um manifesto escrito por muitas mãos negras e periféricas. Manifesto que fosse a expressão de nossos encontros e de nossas histórias ao longo do processo de concretização do projeto. Mas, o texto ficou longo, ficou a meio caminho, entre um manifesto e uma provocação aos agentes do Estado que se dizem contra o racismo. Mais do que adotar um discurso contra o racismo, este texto é um chamado às ações antirracistas no campo da cultura.

Este texto, mais do que um compromisso formal com o Fundo Municipal de Cultura/Lei Aldir Blanc que financiou o projeto, é dedicado a tantos Gabriéis, Fernandos, Anas, Priscilas, Daniéis, Joões, Kamilys, Meires, Adautos, Jês, Dudas, Levis e tantos outros negros, moradores da periferia de Santo André, pessoas que sabem da importância da literatura e batalham para que o seu acesso seja direito de todos.

SANTO ANDRÉ TAMBÉM É NEGRA

Vozes negras da periferia pedem passagem

Jéssica Garcia da Cruz Moraes

Lilian Damaceno

Cibele Maria Silva de Lima

14 de dezembro de 2021

Há muitas formas de apagar a história. No caso da participação dos negros em Santo André elas assumem formas sutis e simbólicas.

Monumentos em pontos estratégicos da cidade homenageiam o imigrante italiano, o português que aqui chegou, João Ramalho. Seu hino ressalta a importância da Princesa Isabel, do cacique (figura com grande influência política, administrativa e eleitoral) e daqueles que vieram do reino de Portugal. Nenhum monumento em homenagem ao negro. No Hino de Santo André, nenhuma menção aos negros escravizados que chegaram para erigir a cidade com os indígenas que aqui viviam.

Como cidade operária que foi, Santo André é estudada em teses e monografias que ressaltam a importância do operariado em nossa cidade, sua capacidade de agir e transformar, como se ele não tivesse raça, nem cor.

Até mesmo o Censo demográfico de 2010, contribui de uma certa forma para o apagamento da presença dos negros em Santo André. Porque na média a cidade é majoritariamente branca, deixam na penumbra dados que revelam que a periferia de nossa cidade, inversamente, é majoritariamente negra, e

deixa-se a cidade escondida sob um manto branco que marca o imaginário de muitos.

Na cultura, com o fim do carnaval na avenida, muitas histórias negras estão sendo apagadas. Histórias que carregam as influências afro, que têm na negritude o orgulho de suas existências.

Em momentos críticos como os que vivemos, que nossa frágil democracia é ameaçada, é preciso dizer que Santo André é uma cidade também negra. Que em sua periferia negros marcam presença majoritária. Assim, deste lugar, afirmamos que a cidade é negra. Negros periféricos dizem que a cidade é complexa, que vive um intrincado jogo de raça, classe e gênero.

...classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras. (GELEDÉS, 2011, em “As mulheres negras na construção de uma nova utopia – Angela Davis”)

Complexidade que a literatura tem sido capaz de abordar, nas suas mais diferentes formas e manifestações, percorrendo outras formas de expressão que escapam ao academicismo e podem tocar os corações, as almas e os corpos das pessoas. De qualquer pessoa.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita as grandes civilizações. (Antonio Candido, 1988, em “Direito à Literatura”)

É dessa literatura, diversa, plural, escrita ou oral, que marca a vida de todos nós, seres humanos, que falamos. Uma literatura que pode trazer à tona tempos passados que ajudam a entender o que vivemos hoje. É como se o hoje fosse capaz de engatar no passado fazendo dele potência em direção ao futuro.

Por isso, o termo **escreVivências**, cunhado por Conceição Evaristo, nos é tão caro. Como ela diz:

Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem

a escrivência. (Conceição Evaristo, 2020, entrevista concedida a Itaú Social)

Nesse jogo do viver e do escrever, do ontem e do hoje, a nossa rica cidade, Santo André, voltou com seu passado de escravidão. E fez pensar como a mão de obra negra, escravizada, também produziu a riqueza da cidade. Agir para apagar esta história e a de tantos negros que hoje vivem e produzem a cidade é o desejo daqueles que desejam oprimir para dominar. Daí a nossa luta para que a memória de Januário de Camargo, negro escravizado que viveu em meados do século XIX em nossa cidade e hoje dá nome ao Centro de Referência da População Negra de Santo André, reaviva na memória de muitos nós.

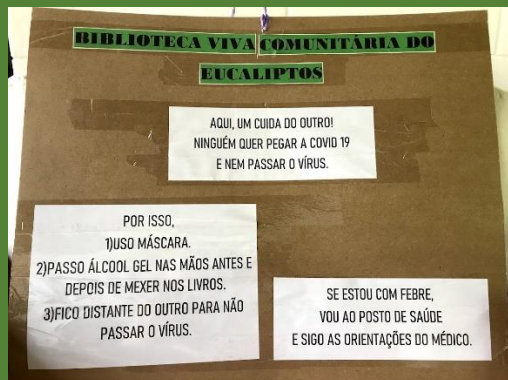
Em nome dessa memória, de tudo o que somos hoje, ativistas do campo cultural, que lutamos por ações em defesa do trabalho em torno da literatura afrocentrada – envolvendo representatividade, filosofia africana e afro-brasileira e história da África.

Literatura que conduz a situações que exercitam a empatia com o outro e permite tratar com delicadeza cada um que passou pelas contações de história, pela escrita de poesias e de contos, pela vida de quem quis falar.

Literatura que permite pensar lugares vividos. Lugares que carregam a marca do sofrimento, também da luta e da capacidade de ser tornar resiliente e seguir em frente. Mesmo quando o Estado abandona negros da periferia à própria sorte, ignorando-os, eles, muitas vezes, têm sido capazes de revelar toda a potência do humano. Nessa pandemia, faltou comida, faltou dinheiro para se deslocar para lugares mais distantes, faltou o sinal da internet, mas não faltaram os desejos de seguir em frente, de descobrir novos caminhos, nos nossos encontros literários, virtuais e presenciais.

A Biblioteca Viva Comunitária do Eucaliptos, fechada no período mais crítico da pandemia, foi reaberta, pouco a pouco. Não como doação, mas como obra de negros dos moradores desta favela. Primeiro na casa de uma moradora, Dona Meire, já que o barracão onde ela está instalada estava ocupado por pessoas sem teto, apesar de moradia ser um direito em nosso país. Nada disso nos impediu de ir em frente. Dona Meire, incentivadora de primeira hora, solidária, nos momentos mais difíceis abriu a porta de sua casa para que a biblioteca ali se instalasse. As crianças nos esperavam, pois em muitas favelas o isolamento foi obra de ficção. Sobre isso escreveremos, um dia. Com todos os cuidados sanitários, nos encontramos.

Cartaz, na entrada da casa de Dona Meire, anunciava que ali habitava também a biblioteca.



Debaixo da escada, os livros não se escondiam.



Até que puderam ser expostos em uma grande estante, para livre acesso, com todos os cuidados sanitários.

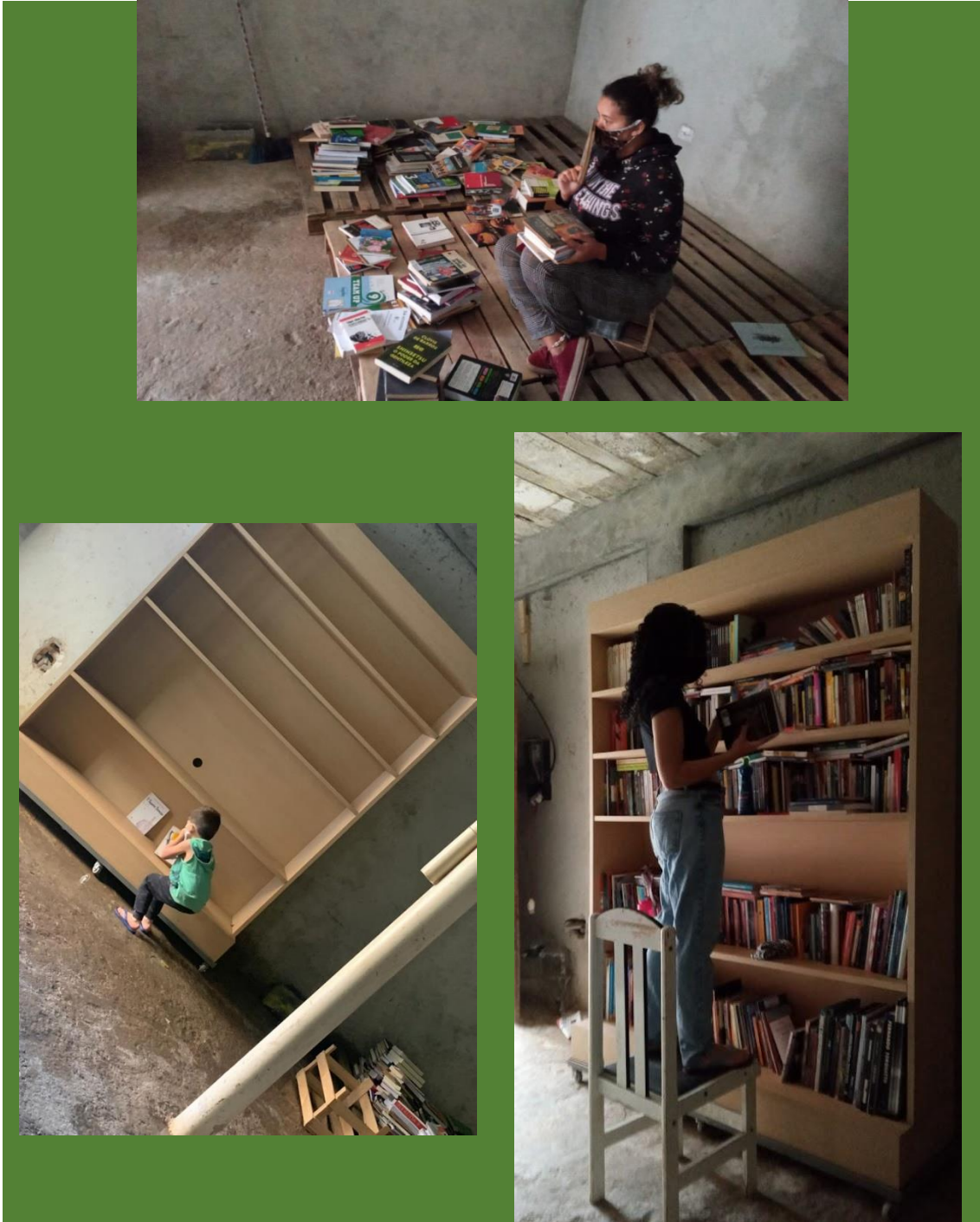
Depois do isolamento avassalador, recompor a Biblioteca Viva no Barracão da Associação aconteceu em meio à contação de histórias para as crianças. Nada foi razão para não seguirmos em frente na luta pela direito à literatura para o povo negro de nosso território.



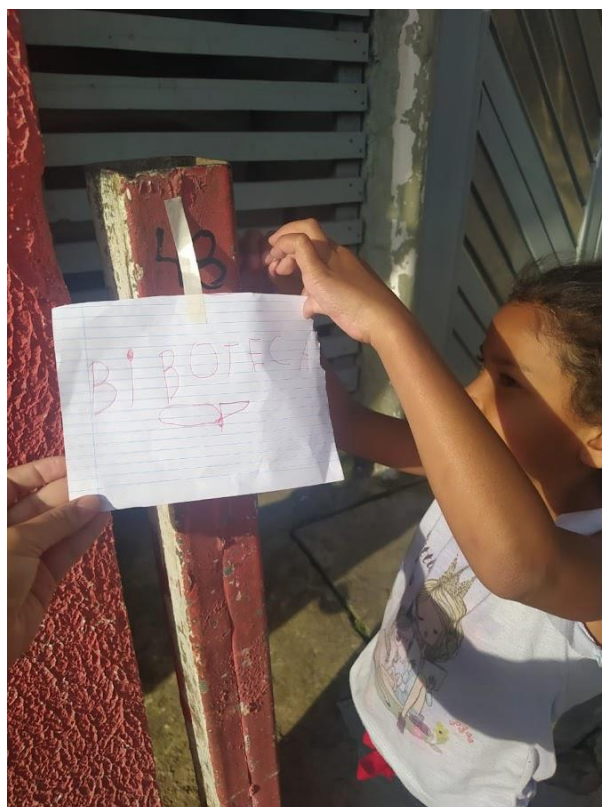
As crianças, majoritariamente negras, entendiam que naquele lugar, tendo acesso à literatura negra, produziam também as suas histórias e falavam delas.

Da nova arrumação da biblioteca, quase do nada, renasceu a biblioteca pelas mãos negras de crianças, jovens e adultos do Eucaliptos.





Mais uma vez a Biblioteca Viva Comunitária do Eucaliptos se fez lugar de encontro. Lugar de muitas histórias. Produzida, majoritariamente, por moradores negros de nossa periferia. Mais uma história para contar.



Nos nossos encontros em torno da literatura, Gabriel, Fernando, Kamilly e Ana, jovens negros, trabalharam com poesia. Lançaram um livro em tempos de

isolamento social. Esse não é um produto qualquer. O seu sentido simbólico mais importante é o de que também se faz arte na periferia negra de Santo André.



Esses jovens foram capazes de colocar a periferia como produtora de obras líricas, poéticas e sensíveis. Evidenciaram que poemas, palavras escritas que brincam em versos pertencem a qualquer um que se amigam delas. Assim, romperam com a ideia de que livros, leitura e literatura são artigos de elite, sendo fadado aos mais pobres somente o dever de servir e produzir.

Queremos encerrar esse texto com palavras de Krenak. O produto que ora entregamos para a Secretaria da Cultura não é algo a ser consumido, que tenha utilidade. Ele é a expressão de nossa vontade de seguir em frente produzindo caminhos de hoje e de futuro sem jamais esquecer do passado. Ele é uma provocação àqueles que se dizem democratas e não agem para que negros também possam se expressar como parte da cidade. Como diz Angela Daves, “Numa sociedade racista não basta não ser racista, é **preciso ser antirracista**”.

Ideias para adiar o fim do mundo é mais uma provocação do que um manual. Ele não é um manual. Se você estiver despencando de algum lugar, não abra esse livrinho. Ele não é um manual, ele não é um kit salva vidas, porque ele vai cair junto com você do mesmo jeito. Aquela referência aos paraquedas coloridos, ela é uma provocação para que a gente pudesse arregimentar as nossas capacidades, aquelas experiências que a gente conseguiu clarear para nós, e conduzir aquelas experiências no sentido de inventar os paraquedas coloridos. Eles ainda não estão disponíveis no mercado. A gente vai ter que inventar. (Krenak, 2020, em “Ailton Krenak sobre como adiar o fim do mundo”)